

LETRAMENTO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA ERA PÓS-CONSTRUTIVISTA: IMPACTOS NO COTIDIANO DAS CLASSES DE ALFABETIZAÇÃO¹

²Idalena Oliveira CHAVES (UNIBH)

Bolsistas: Alcione Ferreira e Magna Magalhães

RESUMO: Esta proposta se fundamenta na compreensão de como têm ocorrido a formação, a reelaboração de conceitos e as práticas pedagógicas de professoras alfabetizadoras de escolas públicas e particulares da região metropolitana de Belo Horizonte, no momento atual, após o advento do construtivismo e demais conceitos que foram introduzidos no meio educacional no que concerne à apropriação da língua escrita pelos alfabetizandos.

SUMMARY: This proposal is based on the understanding of how formation, re-creation of concepts and pedagogic practices of public and private school primary teachers of the metropolitan area of Belo Horizonte have been happening nowadays, after constructivism and other concepts were introduced in the educational area in relation to the appropriation of the written language by children learning how to read and write.

A perspectiva construtivista redefiniu, na década de 80, a figura do aluno como sujeito ativo da aprendizagem e, conseqüentemente, a do professor e o seu papel na relação ensino-aprendizagem. É inegável a importância do conhecimento docente no processo de construção do conhecimento pelos alunos e da necessidade de um novo posicionamento pedagógico em consonância com tais fundamentos teóricos.

A língua falada desempenha um importante papel no trabalho com a escrita. Quanto mais a criança pratica a sua oralidade, interagindo com situações de escrita, tanto em casa quanto na escola, melhor será o desempenho na sua aquisição. O jogo do “faz-de-conta que lê, ou faz-de-conta que escreve” é uma destas práticas interacionais que proporcionam o reencontro social da escrita. E todo este trabalho não é mérito só da escola ou do próprio aprendiz, pela sua convivência com materiais de escrita; mas também, e talvez, muito mais, pelas estratégias que os professores alfabetizadores utilizam para favorecer a transição da fala para a escrita, conduzindo o aprendiz a descobrir por si mesmo que escrever nada mais é que codificar a fala. Como os recursos disponíveis para as formas orais são mais variados, é preciso explorar este aspecto e deixar à disposição da criança outros meios que possam contribuir no desenvolvimento da escrita. O ato de ouvir e discutir textos escritos de variados gêneros é uma maneira de estabelecer conexões entre a linguagem oral e as estruturas de um texto escrito. É preciso ter o cuidado de não passar para a criança que o aprendizado da escrita é difícil. É fundamental que ela sinta desejo em aprender e sinta prazer em praticar a leitura e a escrita. O processo de aquisição é minucioso e delicado e deve interagir com todas as áreas do conhecimento. No início da alfabetização formal o aprendiz constrói todas as relações entre os sons da língua e sua representação ortográfica transformando o seu registro escrito em codificação da fala. Contudo a maior parte das relações entre o oral e o escrito não são diretas (ALVARENGA, 1993). Como o alfabetizador lida com isto? Que base teórica ele possui para, na sua prática docente, acompanhar as hipóteses do aprendiz para que ele adquira a escrita padrão?

As etapas da evolução cronológica da escrita não podem ser tomadas como fixas; o mais importante é compreender os mecanismos que estão subjacentes a esta aquisição. O aprendiz constrói o seu conhecimento da língua escrita passando por algumas etapas, já abordadas em vários trabalhos, principalmente em LEMLE (1991), FARACO (1994) e CAGLIARI (1989, 1997, 1999) dentre outros. A lingüística vem tentando compreender as habilidades envolvidas no processo de aprendizagem da escrita, ressaltando a importância das grafias do aprendiz, no processo de alfabetização, como indicio relevante para o trabalho com a ortografia. Ao atingir o nível alfabético³, os aprendizes se apóiam fortemente no sistema fonológico da

¹ Agradeço à Prof.a Dra. Geralda Terezinha Ramos pela participação neste projeto e a prof.a Luciana Silva, pela revisão do resumo em inglês.

² construtivismo_unibh@yahoogrupos.com.br
Doutoranda em Letras - UFMG

³ - Entendemos nível alfabético como a etapa em que o aprendiz já escreve palavras através da relação som/letra, apresentando as dificuldades ortográficas peculiares desta fase.

língua oral e vão, gradativamente, caminhando para a escrita considerada padrão (cf. ALVARENGA, op.cit.). Mas foram as pesquisas desenvolvidas por FERREIRO e TEBEROSKY, na década de 80 que deram destaque às hipóteses desenvolvidas pelo aprendiz, na aquisição da escrita, e isso, sem dúvida, contribuiu bastante para o desenvolvimento das pesquisas sobre leitura e escrita na alfabetização, principalmente na educação infantil. As pesquisadoras, embora tenham sido muito criticadas pelos lingüistas, tinham razão quanto ao processo de evolução da escrita (1991:181-237). O problema era a falta de fundamentação lingüística a respeito da aquisição do sistema de escrita, principalmente no tratamento que não foi dado à ortografia da língua, o que promoveu confusões e mal-entendidos entre os alfabetizadores na época em que suas idéias foram difundidas no Brasil. Atualmente as pesquisas já focalizam a apropriação do sistema de escrita apontando o percurso para se chegar à escrita oficial (Morais, 2003, Oliveira, 2005, Zorzi, 1998). Estudos desta natureza têm, atualmente, mais respaldo da lingüística e buscam levar o professor-alfabetizador à compreensão de como aprendemos a língua escrita, para que ele saiba como agir diante dos desvios ortográficos cometidos por seus alunos. Ressaltamos, no entanto, que conhecer este processo é tão importante quanto saber em que condições o aluno adquiriu a linguagem oral, como ele se apóia na oralidade para escrever, acreditamos ser esta uma das formas para se compreender os processos de aquisição da língua escrita. Deve-se permitir que o aprendiz levante hipóteses, experimente, erre e construa um sistema de significados sobre a sua língua, como faz com a linguagem oral. É necessário que se respeite o estágio de desenvolvimento da linguagem em que se encontra o aprendiz, considerando ser este um processo paulatino, constituído de várias etapas que são vencidas, cada qual, no seu tempo e ritmo próprios.

Em relação à ortografia, sabe-se que a maioria dos chamados “erros ortográficos” ocorre exatamente pela falta de correspondência entre o sistema de fonemas e o sistema de grafemas da língua. Desta forma, acentuamos que as condições oferecidas para a interação com materiais escritos possibilitarão a evolução na aquisição da escrita e farão com que o aprendiz, aos poucos, se desvincule da oralidade na sua produção gráfica. O maior desafio para o professor, como afirma Abaurre (ABAURRE et al., 1996:14), é ser capaz de interpretar as hipóteses que o aprendiz levanta nesta fase de aquisição e utilizá-las para trabalhar a escrita convencional. Sendo assim, a nossa pergunta é: o alfabetizador tem conhecimentos adequados para ensinar a língua materna? E ainda: os professores sabem que tudo que se discute hoje, vinte anos após o termo construtivismo passar a fazer parte do vocabulário das classes de alfabetização, foi desencadeado pelas idéias construtivistas? Sabem o que realmente significa *construtivismo, psicogênese, base alfabética? Alfabetização e letramento?* É o que vamos ver com a nossa pesquisa.

Objetivo geral

- Averiguar a articulação entre formação e as ações desenvolvidas pelos alfabetizadores de escolas particulares e públicas de Belo Horizonte no que concerne aos conhecimentos teóricos sobre a apropriação da língua escrita nas classes de alfabetização e séries iniciais, no momento atual, em que há uma variedade de informações, pesquisas e publicações sobre a aquisição e desenvolvimento da escrita.

Objetivos específicos

- Caracterizar o discurso produzido pelos professores sobre alfabetização e letramento observando os seguintes aspectos: termos utilizados, definições de conceitos, prática na sala de aula;
- Comparar como a construção do conhecimento pelos professores é efetivada nas classes de alfabetização de escolas públicas e de escolas particulares de Belo Horizonte;
- Categorizar o saber do professor alfabetizador de acordo com o seu ambiente de trabalho, formação e experiência docente.
- Identificar os indicativos de mudanças das práticas docentes dos professores alfabetizadores, a partir de uma fundamentação teórica.

Metas

Esta pesquisa tem um caráter qualitativo, pois tratar-se-á do perfil do professor alfabetizador. Embora saibamos que a alfabetização e o letramento são comuns a todos os segmentos do ensino, o professor que alfabetiza é aquele que define a trajetória dos seus alunos e, portanto, ele apresenta uma identidade profissional associada à valorização de um conjunto de saberes, no que diz respeito ao cognitivo, pedagógico e prático. Espera-se compor um banco de dados que nos forneça informações sobre as fragilidades detectadas na formação do professor alfabetizador de Belo Horizonte e que implicações isso possa ter na prática em sala de aula.

Justificativa

O presente projeto foi pensado e discutido com o entendimento de que formação de professores da Educação Básica (Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental) que se exige para os dias atuais deverá garantir dentre outros, a compreensão histórica dos processos de formação docente, a ressignificação das teorias e o desenvolvimento crítico e criativo da ação pedagógica a partir de uma articulação entre teoria e prática, na aquisição, produção e socialização do conhecimento.

Ao nortear a construção do seu Projeto Político Pedagógico, o Curso Normal Superior, em consonância com as diretrizes do Centro Universitário de Belo Horizonte, tem se preocupado em responder de forma objetiva às demandas da realidade educacional, principalmente nas questões relativas à ineficácia e a baixa qualidade do ensino, bem como suas conseqüências no desenvolvimento social e na qualidade de vida da população. Nesse sentido, algumas questões fundamentais foram consideradas:

- A ineficácia do ensino, a inadequação do tipo e da qualidade de instrução que se proporciona à maioria da população economicamente ativa e suas conseqüências relativas à sua produtividade e à sua capacidade de assimilação de novos processos de produção.

- A pouca relação entre os estudos, teorias elaboradas, capacitação de docentes e as questões que a escola se defronta, terminam por inviabilizar, muitas vezes, o desenvolvimento de uma proposta pedagógica, capaz de garantir um ensino de qualidade.

- A pouca qualidade pedagógica das práticas educativas escolares, causada, principalmente, pela precariedade da formação dos profissionais que nelas atuam, e muitas vezes, o inadequado atendimento pedagógico dispensado às crianças, pela ausência de projetos coerentes às demandas colocadas pela modernidade, bem como a distância das atividades didáticas às inovações tecnológicas na área da educação.

- Escola básica, em geral, que não está dando conta de desenvolver novas competências de ensinar, tais como: organizar e administrar situações de aprendizagem; praticar uma pedagogia diferenciada; e principalmente, dinamizar o processo pedagógico.

Com base nesses pressupostos, entendemos que a construção do conhecimento representa o primeiro passo de qualquer ação, capaz de garantir a equidade social e a sua disseminação, o único elemento capaz de unir modernização e desenvolvimento humano no processo de democratização e universalização do acesso e da melhoria de qualidade da educação básica.

A proposta de formação de professores, em conformidade com as Diretrizes Curriculares para o Curso Normal Superior, estabelecidas pelo MEC, contempla dentre outras, a construção de competências referentes ao:

- Domínio dos conteúdos a serem socializados, de seus significados em diferentes contextos e de sua articulação interdisciplinar;

- Domínio do conhecimento pedagógico;

- Conhecimento de processos de investigação que possibilitem o aperfeiçoamento da prática pedagógica.

Nesse contexto, os estudos sobre os processos da aquisição da Leitura e da Escrita assumem lugar privilegiado: a construção desse processo não se reduz a mero inventário de palavras e regras de bem usá-las: implica a construção de sentidos, que se dá, necessariamente, no processo de interlocução, isto é, nas interações que um sujeito estabelece com o outro, em um determinado contexto social, histórico e cultural.

Dessa forma, tanto os Referenciais de Educação Infantil como os Parâmetros Curriculares Nacionais para os anos iniciais do Ensino Fundamental sustentam a importância de que a ampliação das competências discursivas e lingüísticas dos alunos decorra de uma rica atividade com a linguagem.

Temos clareza que o processo de aquisição da leitura e da escrita insere-se hoje, em um quadro bastante complexo, explicitados principalmente nos estudos e teorias de Emília Ferreiro: implica em descobertas de como codificar a fala e decodificar o escrito; também, às decisões que o aprendiz precisa tomar para selecionar os caracteres para representar a fala e, ainda, às habilidades que precisa desenvolver para traçar cada uma das letras para poder escrever.

Além desses, envolve os complexos usos e as múltiplas funções que a língua escrita assumiu em uma sociedade como a nossa. Assim, aprender a ler e a escrever não se restringe apenas ao “ba-be-bi-bo-bu” (Cagliari, 1999). Pressupõe desenvolver uma série de capacidades que permitam ao aluno inserir-se no mundo da cultura escrita, apropriando-se dos usos da linguagem nas diversas práticas sociais (Marcuschi: 2003).

Essas considerações exemplificam de maneira sucinta a revolução conceitual que abalou profundamente os pressupostos norteadores do processo de alfabetização e vem orientando as análises e reflexões como também, direcionam estudos, cujos conteúdos, têm se constituído norteadores da formação dos professores nas últimas duas décadas.

Entretanto, falta aos formadores, indicativos mais precisos, desse movimento nas práticas e nas ações que efetivamente acontecem no interior das escolas. A compreensão do movimento da mudança de paradigmas, das práticas efetivamente desenvolvidas, dos avanços obtidos pós a Psicogênese da Leitura e da Escrita, irão contribuir de forma bem mais efetiva, para a construção de competências imprescindíveis no processo de formação dos professores alfabetizadores.

Dessa forma, entendemos que o desenvolvimento do presente projeto é de extrema relevância, ao possibilitar avanços significativos nos encaminhamentos dos processos de formação dos alunos no curso, como também, uma contribuição indireta nas ações desenvolvidas nas escolas, além também de fornecer elementos para a construção de conhecimentos teórico-metodológicos que ampliem a compreensão da problemática da alfabetização, que afeta não somente crianças, mas também milhares de jovens e adultos na nossa cidade e no nosso país.

Metodologia

Utilizaremos dois procedimentos metodológicos nesta pesquisa: o primeiro, que consideramos da maior relevância, consistir-se-á na caracterização do local da pesquisa, ou seleção das escolas que farão parte da investigação, em que levaremos em conta a localização para contemplar diferentes pontos da região de Belo Horizonte,

Em seguida, selecionar-se-á os informantes, e sujeitos da pesquisa: professores alfabetizadores que têm formação superior. Estes professores serão separados em dois grupos:

- A) com prática pedagógica nos últimos vinte anos;
- B) com prática pedagógica nos últimos cinco anos ou menos.

Estes informantes, previamente solicitados se gostariam de participar da pesquisa, serão submetidos a uma entrevista oral sobre alfabetização, letramento, construtivismo e seus termos. Serão ainda, submetidos a uma parte escrita em que dissertarão sobre a fundamentação teórica e sua utilização na prática pedagógica.

Conclusão

Estamos, ainda, na fase inicial da pesquisa. E em um primeiro momento buscamos levantar o referencial teórico sobre este assunto disponível na mídia. Podemos perceber que o material bibliográfico sobre este tema é vasto e variado. Que as publicações foram aumentando em um determinado período e depois foi diminuindo. Atualmente fala-se pouco sobre construtivismo nas escolas. A moda agora é “letramento”. Todo encontro que vem acontecendo no Brasil nos últimos anos apresenta uma palestra ou curso sobre “letramento e alfabetização”. Saber que conhecimento os alfabetizadores têm sobre o construtivismo, ouvi-los e observar como elas vêm compreendendo as características de cada nível de desenvolvimento da escrita, nos servirá, concomitantemente, de instrumento de análise de suas trajetórias profissionais, dos processos de formação docente, das leituras feitas sobre o assunto, servindo de base para que se possa apresentar propostas de intervenção junto ao professor, pois, ao exteriorizarem seus conhecimentos atuais, poderemos considerá-los como pontos de partida para cursos e ações diversas de formação que considerem importante valorizar os saberes (e não-saberes) docentes, superando, assim, a relação de “repassé” de conhecimentos, ainda tão freqüente nas “capacitações” proporcionadas aos professores. Os resultados desta pesquisa poderão sensibilizar profissionais formadores na área da alfabetização para a necessidade em reconhecer o saber do professor e partir dele para desenvolver novos conhecimentos.

Referências bibliográficas

ABAURRE, M. Bernadete, FIAD, R.S., SABINSON-MAYRINK, M.L. *Cenas de Aquisição da Escrita*. Campinas: Ed. Mercado das Letras, 1997. 204 pp.

ALVARENGA, Daniel. *Variations orthographiques, temps d'identification et apprentissage de la langue écrite portugaise*. Une approche phono-cognitive. Paris: Université de Paris VIII, 1993. (tese de doutorado).

_____. *Análise de variações ortográficas*. Presença Pedagógica, Belo Horizonte, n.2,24-35, março/abril, 1995.

BISOL Leda. *Fonética e Fonologia na alfabetização*. In Letras Hoje, Porto Alegre, v.17, n. especial: 32-39, set., 1974.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e Lingüística*. São Paulo: Editora Scipione, 1989,189pp.

_____. *Alfabetizando sem o Bá, Bé, Bi, Bó, Bu*. Série Pensamento e ação no magistério. São Paulo: Editora Scipione, 1999a, 399pp.

CHAVES, Idalena Oliveira. *A construção da representação gráfica da nasalidade na fase inicial da aquisição da escrita*. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2000 (Dissertação de mestrado)

FARACO, Carlos Alberto- *Escrita e alfabetização*. São Paulo: Contexto, 1994, 69pp.

FERREIRO, E. & TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da Língua Escrita*. Porto Alegre Artes Médicas, 1986, 284pp.

FERREIRO, Emilia. *Com todas as letras*. São Paulo: Cortez, 2000.

KATO, Mary A. , MOREIRA, N. & TARALLO, F. *Estudos em alfabetização*. Campinas: Pontes, 1997, 114pp.

LEMLE, Miriam. *Guia Teórico do Alfabetizador*. 6ªed. São Paulo: Ática, 1991, 72pp.

MASSINI- CAGLIARI, Gladis. *Diante das letras: a escrita na alfabetização..* Campinas, SP: Mercado das Letras, 1999b, 238 pp.

MORAIS, Artur Gomes. *Ortografia: Ensinar e Aprender*. São Paulo: Ática, 2003.

OLIVEIRA, Marco Antônio. *Conhecimento lingüístico e apropriação do sistema de escrita*. Belo Horizonte: Ceale/Fae/UFMG, 2005

ZORZI, Jaime Luiz. *Aprender a escrever: a apropriação do sistema ortográfico*. Porto Alegre: Artes médicas, 1998.